

Livro do mês

# Não falem do mal

Deo, um jovem médico, conseguiu escapar de uma violenta guerra civil na África. Anos depois, ele retorna. O escritor Tracy Kidder foi com ele e conta a sua história.

DE STRENGTH IN WHAT REMAINS  
(FORÇA NO QUE AINDA RESTA), DE TRACY KIDDER

ILUSTRADO POR ANASTASIA VASILAKIS

## Burundi, África, junho de 2006

Percorriamos o sudoeste de Burundi e senti que éramos seguidos pela Montanha Ganza, do mesmo modo que uma criança se sente seguida pela Lua. A estrada subia pela região rural acidentada. Fazíamos uma curva e outra face de Ganza surgia.

Meu companheiro Deogratias mandava o motorista parar. Ele descia da picape e ficava na beira da estrada, virando a câmera fotográfica para a montanha. Deo usava um chapéu de pano preto com a correia do queixo pendurada. Achei que, para os que passavam em bicicletas e microônibus lotados, ele devia parecer um turista, um rapaz rico de pele negra, vindo de algum lugar distante.



Ao lado dele consegui ver, lá embaixo, vales estreitos com campos cultivados, e, lá em cima, encostas íngremes, algumas cobertas de mato, outras retalhadas por bananeiras e bosques de

eucalipto, salpicadas de casinhas com telhado de palha ou metal. Acima delas se erguiam os flancos e o topo de Ganza, praticamente sem árvores, e sem casas. No idioma *kirundi*, *ganza* significa “reinar”, e o nome lembrava os reis que já governaram a pequena nação, com séculos de existência, no centro da África oriental. Um país empobrecido, de economia agrícola, que exporta café e chá e pouca coisa mais.

Deo mal conseguia tirar os olhos de Ganza. Estava repleta de lembranças. Nos verões da infância, trabalhara na montanha, subindo caminhos absurdamente íngremes, com os joelhos tremendo sob a carga equilibrada na cabeça.

Deo crescera no povoado de Butanza, nas montanhas a leste de Ganza. Fugira de Burundi em 1993, com medo das milícias hútus que brandiam machetes ou armas de fogo. Tinha voltado várias vezes nos últimos anos, mas evitado Butanza. Agora, iria até lá. Parecia feliz de voltar a ver Ganza, mas, à medida que avançava mais para leste, ficava cada vez mais quieto.

Dali a pouco, saímos da estrada pavimentada e fomos sacolejando por uma trilha íngreme e sulcada. Deo disse que, quando chegássemos, subiríamos a pé até os pastos onde, havia muitos anos, seu melhor amigo adoecera e depois morrera. Visitaremos o lugar. Mas disse que, quando

chegássemos lá, não falaríamos sobre o amigo.

- Por quê? - eu quis saber.  
- Porque ninguém fala de quem morreu. Pelo menos, não pelo nome. A isso se chama *gusimbura*. Se, por exemplo, alguém diz "Ah, o seu avô", e pronuncia o nome para os outros, é *gusimbura*. É uma palavra ruim. É lembrar as pessoas... - A voz de Deo sumiu.

- É lembrar as pessoas de algo que não é bom? - perguntei.

- Isso. É difícil entender, porque no mundo ocidental... - Novamente, Deo deixou a frase no ar.

- Todos tentam se lembrar?

- É.

- E aqui em Burundi todos tentam esquecer?

- Isso mesmo - disse ele.

### Lições aprendidas

Deo cresceu descalço em Burundi, morando junto com muitos dos seus familiares: os avós paternos, os pais, várias crianças, entre as quais filhos de parentes falecidos, além das vacas da família. Todas as crianças conheciam a fome de vez em quando. No povoado, não havia luz elétrica nem fontes de água potável. A água que Deo e o irmão levavam até em casa vinha de um riacho que corria a dois quilômetros da cabana. As doenças

infecciosas e parasitárias eram onipresentes e não havia sistema de saúde pública nem sequer uma clínica na região.

Certo dia, na escola, Deo ouviu as palavras *hútu* e *tútsi*. Evidentemente, eram nomes de tipos de pessoas diferentes em Burundi. Ele foi perguntar ao pai.

- Nós somos o quê?

- Tútsis - disse o pai, e acrescen-

**Na escola, Deo ouviu os termos *hútu* e *tútsi*. "Nós somos o quê?", perguntou ao pai. "Tútsis", ele respondeu. "Você não tem nada melhor em que pensar?", disse o pai.**

tou: - Você não tem nada melhor em que pensar?

O pai de Deo acreditava na educação. Queria que o filho ficasse na escola meia hora a mais para que pudesse fazer o dever de casa enquanto ainda havia luz. Deo foi excelente aluno e passou para uma das melhores escolas secundárias de Burundi, onde aprendeu rudimentos de história burundiana. Os alemães tinham se apossado dos reinos de Burundi e Ruanda em fins do século 19 e, durante a 1ª Guerra Mundial, foram substituídos pelos belgas, que governaram os dois países até o início da década de 1960. Ele aprendeu que os *hútus* constituíam cerca de 85% da população de Burundi, e os *tútsis*, uns 13% a 14%; que, durante décadas,

os chefes tútsis controlaram o exército e o governo; que tinha havido muitos levantes hútus, seguidos pela repressão sangrenta do exército.

Para Deo, foi um choque perceber a profundidade da divisão no seu país. Ainda assim, apesar de todo o sofrimento causado por essa divisão, ele ficou perplexo com o significado real de “hútu” e “tútsi”. Dizia-se que os tútsis criavam gado e os hútus cultivavam a terra; mas muitos, tanto hútus quanto tútsis, faziam as duas coisas. Dizia-se que os tútsis eram altos, magros, de

**Deo nunca soube onde de fato haveria perigo. Então, os sinais de morte tornaram-se óbvios: fumaça, moscas e pássaros voando em círculos.**

nariz afilado, enquanto os hútus eram baixos, gorduchos, de nariz largo. Mas, na experiência de Deo, esse estereótipo não se aplicava. Ele mesmo era magro, mas não tão magro quanto muitos hútus perto de Butanza, e o seu nariz não era fino nem largo.

Depois do secundário, Deo foi para a escola de Medicina em Bujumbura, capital de Burundi. Morava no dormitório e passava a maior parte do tempo nas aulas e em visitas ao hospital com professores.

## Em fuga

Em 22 de outubro de 1993, Deo fazia estágio num hospital rural, na cidade de Mutaho, no norte de Burundi. Pela manhã, ao sair do quarto e dar uma volta pelo hospital, não conseguiu achar nenhum médico. Só viu algumas enfermeiras, que pareciam apressadas.

Deo estava com um jovem doente de malária quando o irmão do paciente entrou no quarto. Deo se levantou para cumprimentá-lo.

O irmão estava sem graça.

– Quero levar o meu irmão para casa.

– Para casa? – perguntou Deo.

– Mas ele não recebeu alta.

– Deogratias, você não sabe o que está acontecendo? Mataram o presidente Ndadaye. Dizem que foi morto por tútsis e agora está havendo uma guerra. Os hútus estão matando os tútsis por todo o país.

Deo ouviu a barulheira que vinha de fora. Saiu correndo do quarto do paciente, foi para o próprio quarto e se enfiou debaixo da cama. Viu dois pares

de calças esfarrapadas com pés descalços pararem à porta. Uma voz disse: “A barata se foi. Fugiu.” Depois, os pés e pernas de calça sumiram.

Ele ouviu o som de vidro estilhaçado, gritos, um tiro. Sentiu cheiro de gasolina e de fumaça. Ficou horas ali escondido, até a noite cair. Quando saiu, só tinha um pensamento: fugir.

Foi Tateando até sair do prédio e atravessar o pátio. Não viu a Lua, mas conseguiu perceber a silhueta dos corpos no chão. Correu para a estra-

da e depois desceu por um barranco até os campos escuros do vale do Rio Mubarazi.

Nos quatro dias seguintes, talvez mais, Deo viajou cerca de 70 quilômetros. Avançava em estágios, parando sob a proteção do capim ou de alguma moita. Seguia para o norte, rumo a Ruanda, mas, até se aproximar, nunca sabia onde haveria perigo. Os sinais eram óbvios. Fumaça significava casas em chamas; pássaros voando em círculos, um lugar cheio de cadáveres. Enxames de moscas eram mortes por perto. O principal era evitar outros seres humanos.

Finalmente, chegou a Ruanda e se juntou aos mais de 300 mil burundieneses, segundo relatórios posteriores, em acampamentos improvisados perto da fronteira. Não tinha certeza de quais daqueles refugiados eram tútsis, se é que havia algum. Sabia que a maioria devia ser hútu.

**Deo passou pelos campos** de refugiados até que ficou claro que algo muito violento também estava acontecendo em Ruanda e que o alvo eram os tútsis. Então, voltou para o sul, correndo por trilhas, subindo morros. Chegou à fronteira e viu soldados com fardas burundianas. O exército tútsi viera ajudar pessoas como ele.

Deo estava fugindo havia seis meses. Então, foi de caminhão para Bujumbura. A capital não era de todo segura, mas havia ali mais segurança do que na maioria dos outros lugares. Soube que sua família tinha sido morta.

A escola de Medicina estava fechada. Mas um colega o encontrou e o levou para o seu apartamento. Todos tentavam sair do país. O amigo e seus pais estavam indo para Paris, e ele achou que poderia mandar Deo para os Estados Unidos. Então, Deo foi à embaixada americana pedir um visto de visitante de negócios, pois o pai do amigo lhe dera uma carta informando que o portador iria àquele país para vender café.

Na embaixada, a mulher detrás da mesa perguntou:

– Quanto dinheiro você tem na conta bancária?

Deo jamais tivera uma conta bancária. Mas sabia a resposta certa:

– Dois mil dólares – disse.

A mulher lhe entregou o visto no dia seguinte. Levantou-se, estendeu a mão e, quando ele a apertou, disse:

– Boa sorte em Nova York.

Deo pousou em Nova York em maio de 1994. Encontrou uma casa abandonada no Harlem onde pôde dormir de graça. Arranjou emprego de entregador de gêneros alimentícios.

Estava decidido a voltar para a faculdade e se tornar médico. Aprendeu inglês e, por mais improvável que parecesse, em 1995 entrou como calouro na Escola de Estudos Gerais da Universidade de Colúmbia. Uma amiga, Sharon McKenna, levou Deo a um advogado especializado em imigração para solicitar o visto de residência.

Um dia, Deo conversou por telefone com um velho amigo em Burundi: “Ah, Deo. Tenho boas notícias. Alguns dos seus parentes estão vivos. E seus pais também!”

Seguiram-se semanas de telefonemas. Dois irmãos tinham morrido, vítimas da guerra civil. Os pais haviam fugido para a Tanzânia, mas agora tinham voltado a Burundi e não moravam mais em Butanza, mas na região de Kayanza.

Em 2006, Deo já havia voltado várias vezes a Burundi para visitar a família. Passou o verão de 2005 trabalhando num hospital distrital de Ruanda. Enquanto esteve lá, não parava de pensar: *Burundi precisa de hospitais como este*. Levou vários médicos a Burundi para visitar a região onde os pais moravam e começou a pesquisar como construir uma clínica na aldeia de Kigutu.

Agora, em junho de 2006, Deo estava voltando para casa outra vez. Eu o conheci em 2003, acompanhei a sua história e iria com ele.

## Nas montanhas

Estima-se que 50 mil burundienses morreram em 1993. Em Ruanda, o genocídio começou em abril de 1994 e terminou cerca de quatro meses depois, quando a Frente Patriótica Ruan-dense, dos tútsis, conquistou a maior parte do país. A tragédia de Burundi não teve tanta repercussão, mas foi mais prolongada. Continuou durante a década de 1990 e entrou pelo novo milênio. Em 2005, finalmente aprovaram uma nova constituição que previa um governo multiétnico.

Quando Deo e eu chegamos em 2006, ainda havia toque de recolher e notícias sobre conflitos esporádicos. Mas as milícias estavam se desmobilizando; o exército e a polícia seriam to-

talmente integrados; e havia motivos para otimismo. Partimos de Bujumbura e seguimos para a região das montanhas, rumo à terra natal de Deo.

Fazia 13 anos que os pais de Deo tinham partido daquele lugar, mas muitos parentes ainda moravam lá. A avó surgiu, uma mulher miúda coberta de pano colorido, de modo que só o rosto enrugado era visível. Tinha olhos brilhantes e observadores. Abraçou o neto e perguntou-lhe por que levava tanto tempo para voltar.

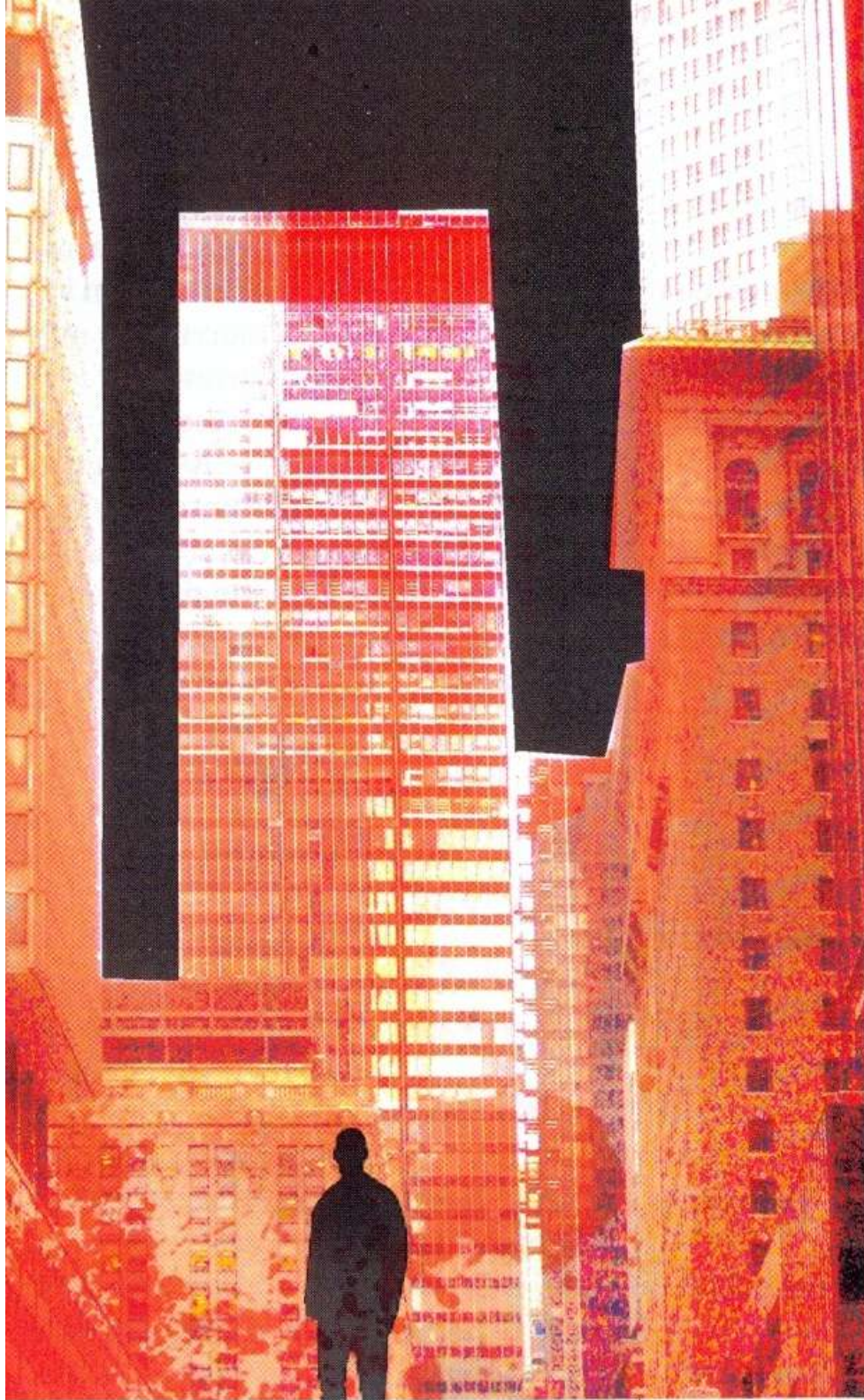
Subimos uma encosta íngreme e Deo apontou uma formação rochosa, lugar onde o melhor amigo tinha morrido, e se demorou no local da cabana da família, um grupo de arbustos no meio de um pasto. Ele dizia que a vida ali em cima era dura, o solo pobre. Mas sorriu: “Sabe, adoro isso aqui à noite. É tão silencioso e fresco... E podemos ver as estrelas.”

**Tínhamos de ir a Mutaho.** Foi lá que a fuga de Deo começou, em 22 de outubro de 1993. O nome do nosso motorista era Inocente. Como muitos burundienses, perdera a mulher e os filhos na guerra civil. Ele nos disse que a viagem até Mutaho levaria umas três horas. Quando estávamos subindo as montanhas, fiquei um pouco nervoso. Será que nos perderíamos? Encontraríamos um bloqueio da polícia?

Deo também parecia preocupado.

– Olha – eu disse –, se Mutaho o deixar nervoso, basta irmos embora de lá.

– Tudo bem. Vamos ver o que... – A voz dele sumiu.



Fitei o cenário da montanha e falei sobre tijolos. Deo estava interessado em tijolos, para os prédios da clínica que planejava construir em Kigutu. Passamos por crianças e ciclistas na estrada, da qual partes tinham sido explodidas e havia desvios de terra abertos nas encostas.

Seguimos em silêncio por um tempo. Até que Deo disse: “Esta é uma área por onde passei.” E ficou olhando

pela janela do seu lado. Ouvi que murmurava: “Estou com medo...”

Ao atravessarmos o Rio Mubarazi, Deo fez um som que parecia um grito sufocado. Lembrei que tinha me contado que seguira o vale do rio, repleto de cadáveres, no primeiro dia da fuga. Mais à frente, ao lado da estrada, havia três camadas de pilares quadrados em semicírculos concêntricos. Na frente, em letras de fôrma, lia-se: “Nunca mais!”

Deo comentou: “Este é um dos raros monumentos em memória dos que morreram.”

Inocente continuou avançando.

– Estou com o estômago embrulhado – Deo se queixou.

– Quer voltar?

– Não, agora não.

De vez em quando, Deo fazia comentários: “Muitos milicianos vieram daqui... Eis o Mubarazi outra vez...”

Um pouco adiante, Inocente entrou numa estrada de terra, passou por um portão meio bambo e parou. À frente, estavam os restos do hospital. Deo ficou sentado em silêncio. Um agricultor passou à nossa frente, com um facão.

– Meu Deus... – murmurou Deo, a voz quase inaudível. – Veja isso.



Inocente respondeu:

- Talvez seja um dos machetes que restaram.

Havia uma meia dúzia de pessoas sentadas numa laje de concreto diante do hospital nos olhando.

- O que vamos fazer aqui? - perguntei a Deo.

Ele estava curvado no seu lugar, olhando pelo para-brisa, e foi como se levasse um choque e voltasse a funcionar. Sentou-se mais ereto. Enfiou a cabeça pela janela e gritou:

**Deo se virou e me olhou nos olhos. Não entendi de imediato que ele estava me mostrando o lugar onde a morte passara por ele.**

- Paz! Como vão vocês? - Abriu a porta. - Quero entrar.

Um rapaz, o encarregado das instalações, veio até nós. Todos o chamavam de "médico". ("Não é, não", me disse Deo. "É enfermeiro.")

Deo falou com o "médico" de forma amistosa e lhe contou que tínhamos vindo dos Estados Unidos para observar hospitais e aprender sobre programas de nutrição. O "médico" nos guiou até lá dentro, por corredores estreitos. Ouvi gritos de pássaros. Olhei para cima. Dezenas de ninhos de vespas pendiam do teto de concreto.

Perguntei a Deo o que estávamos fazendo.

Ele não respondeu. Experimentava a maçaneta das portas de metal, abrindo uma depois da outra e vendo quartos idênticos, todos sem pacientes. Em vários havia uma cama enferrujada, mas sem colchão. Deo experimentou outra maçaneta e uma expressão zangada lhe passou pelo rosto. A porta não se abriu. Ele se virou, me olhou nos olhos e depois fitou a maçaneta. Na hora, não entendi que me mostrava o seu antigo quarto, o lugar onde a morte passara por ele. E foi bom não ter

entendido. Eu já estava com dificuldade de manter o controle.

- Por que não há pacientes no hospital? - perguntou Deo.

O "médico" respondeu que todos relutavam em ir até lá desde "a crise". "A crise" era o eufemismo da guerra

civil, porque quem usasse um termo mais descritivo revelaria a sua etnia e de que lado estava.

- É? - perguntou Deo, com um sorriso. - Que crise?

O "médico" franziu a testa. Deve ter percebido que não éramos quem Deo dissera. Deo pareceu não ligar.

- Quer tirar uma foto? - ele me perguntou.

- Não - respondi. - Deixei a câmera no carro - murmurei. - Vamos embora.

Agora, estávamos de frente para um pátio interno, aberto. Deo disse:

- Este pátio estava cheio de corpos.

- Acho que devemos ir, Deo.

- É - concordou, mas continuou falando: - Por aqui, o chão estava coberto de corpos. Eles vinham por esses corredores, derrubavam as portas e matavam quem estivesse lá dentro.

- Vamos voltar a Bujumbura - sugeri.

Inocente deixara o carro mais perto do prédio. Abrira as portas. Era óbvio que também estava ansioso para partir. Embarquei e Deo também, mas logo tornou a sair com a câmera, e começou a tirar fotos. O "médico" voltara ao seu grupo na laje de concreto. Ficaram encarando Deo.

Inocente manteve o motor ligado. Finalmente, Deo voltou ao carro. Não sorria mais e o maxilar ainda estava contraído. Quando Inocente passou pelo portão, disse:

- Deo, não me sinto bem aqui.

- Inocente - retrucou Deo -, em que lugar de Burundi você se sente bem?

## **A Obra de Saúde da Aldeia**

Durante o verão de 2006, Deo trabalhou para criar as bases de uma clínica em Kigutu. Parecia acordar todo dia com uma lista de dez coisas a fazer. Tinha de obter o título da terra; projetar os prédios; comprar material de construção; alugar caminhões; contratar pedreiros; obter meios para o sistema de esgoto e, finalmente, eletricidade; escolher a equipe; levantar recursos...

Em um evento para promover doações em Nova York, Deo contou a seguinte história:

"Precisávamos tornar transitável uma estrada que vai até o nosso terreno. Havia uma empresa de construção

belga que abria estradas em Burundi. Fui falar com o representante da empresa. Ele fez uma estimativa de pelo menos 50 mil dólares de custo. Não para pavimentar a estrada, só para alargá-la e torná-la transitável. Voltei desapontado, me perguntando como dar a má notícia à comunidade de Kigutu. Quando expliquei isso a eles, uma mulher me disse: 'Você não vai pagar um tostão por essa estrada. Ficamos doentes porque somos pobres, mas não somos pobres por sermos preguiçosos. Vamos trabalhar nessa estrada com as próprias mãos.' No dia seguinte, surgiram 166 pessoas com picaretas, enxadas, facões e outras ferramentas.

Os seis quilômetros da estrada foram reconstruídos por aquele povo, com facões e enxadas. No mesmo dia em que a estrada ficou pronta, o representante da empresa belga me chamou para negociar o preço. Imaginem só como me senti ao receber o telefonema e dizer: 'Muito obrigado por ligar, mas o serviço já foi feito.'"

Em novembro de 2007, quando a clínica foi inaugurada, havia três prédios prontos para serem usados e uma farmácia moderadamente bem abastecida. Um médico afro-americano largou o emprego nos Estados Unidos e foi trabalhar na clínica em tempo integral, sem receber salário.

No verão de 2008, a clínica, chamada Obra de Saúde da Aldeia, tinha 22 trabalhadores de saúde comunitários, uma ambulância e leitos para dez pacientes. Distribuía remédios contra a Aids, tinha um programa crescen-

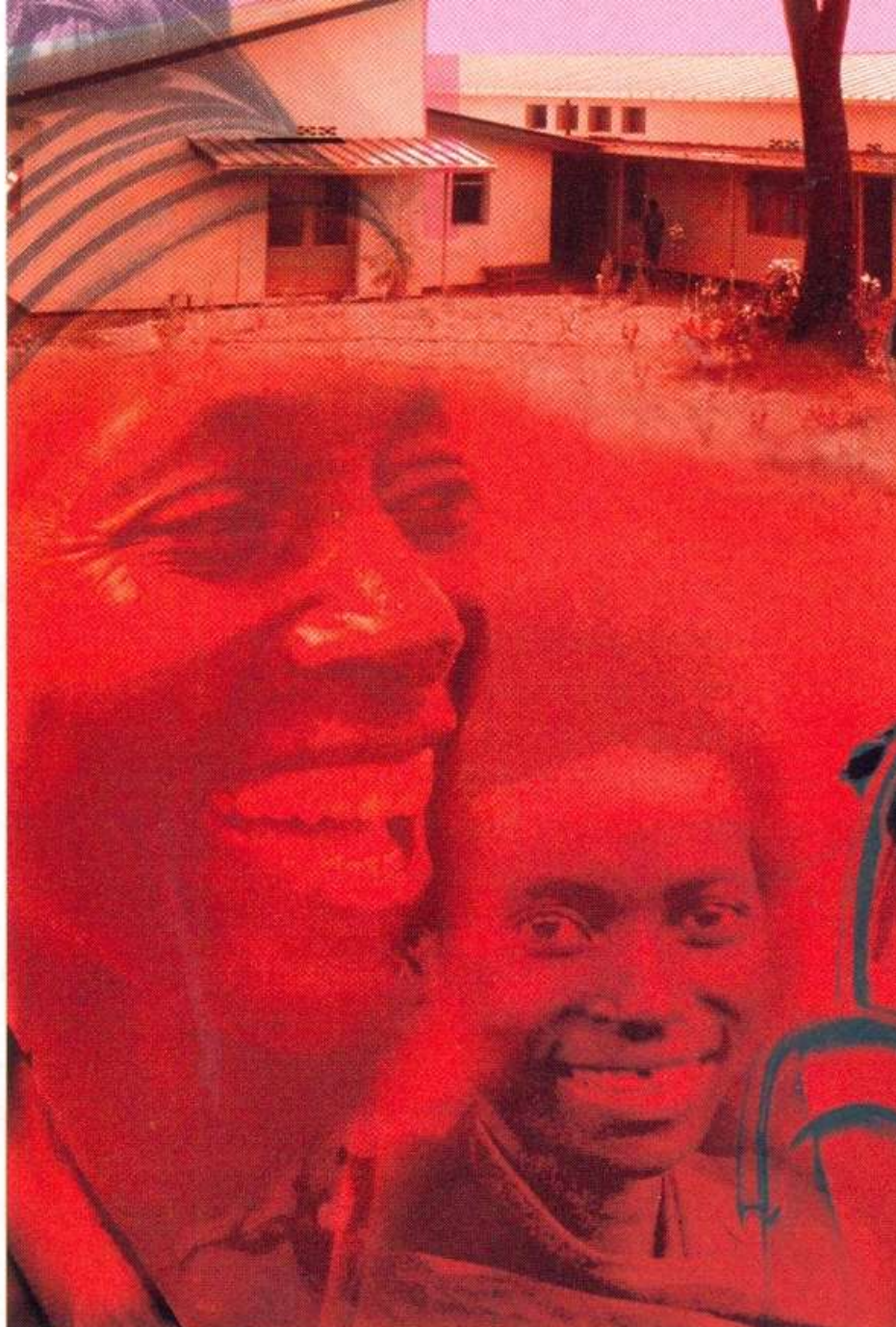
te de vacinação e outro para combater a desnutrição. A clínica recebia uma média de 47 pacientes por dia.

Todos eram atendidos de graça por um médico ou um enfermeiro. Quem pudesse pagava pelos remédios. Alguns pacientes percorriam longas distâncias a pé, alguns vinham até da Tanzânia; outros atravessavam o lago para ir do Congo até Kigutu andando. Alguns apareciam só para ver a clínica. Quando Deo perguntou a um desses viajantes por que fora até lá, o homem respondeu: “Para ver os Estados Unidos.”

Isso deixou Deo feliz, porque agora ele era americano; ganhara a cidadania em 2007. Mas outros depoimentos pareciam mais importantes. Um foi de um motorista que, na opinião de Deo, era um ex-miliciano hútu. O homem se disse confuso. Kigutu era principalmente hútu, mas Deo era tútsi, não era? Quando soube que era mesmo, o motorista se afastou coçando a cabeça. Mais tarde, voltou e se apresentou como voluntário para ajudar.

Um paciente idoso disse a Deo que combatia os tútsis desde 1965, e tinha as cicatrizes como prova. E concluiu: “Gostaria de ter passado a minha vida tentando fazer algo como isto aqui.”

Deo achou que Kigutu estava se



transformando em “terreno neutro”, um lugar onde os tútsis e os hútus poderiam se misturar sem medo. Um lugar de conciliação para todos, inclusive para ele.

“O que aconteceu, aconteceu”, disse Deo. “Vamos trabalhar na clínica. Vamos deixar a tragédia para trás, porque recordá-la não vai beneficiar ninguém.”

**Deo, agora com quase 40 anos, é vice-presidente e fundador do Village Health Works. Atualmente, continua estudando Medicina nos Estados Unidos.** ■